

Comportamento Semanal de Mercado

27 de fevereiro a 03 de março



Desaceleração e Desinflação

No aguardo de novidades acerca do novo arcabouço fiscal, a semana que se adentra tem a divulgação do IPCA de fevereiro como ponto importante para a avaliação da dinâmica inflacionária. Ainda que em níveis incompatíveis com as metas, espera-se uma desaceleração em termos mesmo nas medidas de núcleo e subjacentes. As estimativas para o mês são de 0,78% pelo Boletim Focus, enquanto a de 2023 permaneceu em 5,90% e de 2024 em 4,02%. Com base na cotação do *swap* DI prefixado de 360 dias e na inflação esperada para os próximos 12 meses, a taxa real de juros *ex-ante* finalizou a semana em 7,29% a.a., patamar ainda bem superior ao da taxa neutra de 4,00% a.a., indicado pelo Banco Central. Aliado ao processo lento de desinflação, a atividade vai reagindo negativamente à deterioração das condições financeiras e à dissipação do impacto da retomada das atividades presenciais, de modo que o PIB no 4T22 recuou -0,2% ante elevações de 1,3% no 1T22, de 0,9% no 2T22 e 0,3% no 3T22. A taxa de desemprego em 2022 acumulou uma queda de -3,2 p.p., encerrando em 7,9% da força de trabalho, com destaques para as elevações de 6,9% do emprego com carteira assinada e de 9,3% dos sem carteira. A perda de ímpeto nos últimos meses, juntamente com a baixa participação, sugere uma evolução menos positiva em 2023, alinhada com as projeções de crescimento da atividade econômica ao redor de 1,0%. No cenário externo, os dados mais positivos da atividade nos EUA e na China aumentam a pressão para um aperto monetário mais intenso, elevando os rendimentos das *T-Notes*. O dólar devolveu parte dos ganhos das semanas anteriores, depreciando-se tanto frente às moedas dos países desenvolvidos (-0,66%), quanto das dos emergentes (1,24%). Ainda nesta semana, ocorrerão as divulgações do IGP-DI, Caged, PIB da Zona do Euro e *payroll* nos EUA.

Expectativas

Inflação – Mediana das Projeções

	03/03/2023	Ult. Semana	Há 4 semanas
fev/23	0,78	0,78	0,80
mar/23	0,70	0,65	0,59
abr/23	0,61	0,61	0,57
2023	5,90	5,90	5,78
2024	4,02	4,02	3,93
2025	3,80	3,80	3,50

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Mesmo com a reoneração parcial dos preços dos combustíveis, houve ligeira alteração nas expectativas inflacionárias do Boletim Focus em relação à pesquisa anterior. A mediana para o IPCA de fev/23 se manteve em 0,78%, a de mar/23 avançou em 0,05 p.p. para 0,70% e a de abr/23 seguiu em 0,61%. Assim, a estimativa para o IPCA deste ano permaneceu em 5,90%, a de 2024 em 4,02% e a de 2025 em 3,80%. Ademais, a inflação implícita na negociação de títulos públicos ficou estável na semana em 6,52%. As projeções para a Meta Selic continuaram em 12,75% a.a. ao final de 2023, com quedas de 0,5 p.p. em nov/23 e dez/23. A distribuição mensal de expectativas de fevereiro apontou que 36,1% dos respondentes esperam que a Selic esteja entre 13,50% a.a. e 14,25% a.a. no final (25,4% em jan/23), um sinal da redução das apostas de queda ainda em 2023. Já para o término de 2024 e 2025, o indicador ficou, respectivamente, em 10,00% a.a. e 9,00% a.a.. Com um incremento de 0,01 p.p., as previsões para a expansão do PIB para 2023 ficaram em 0,85%, permanecendo em 1,50% para 2024 e em 1,80% para 2025. Na seara fiscal, a mediana das projeções para o déficit primário em relação ao PIB esperado para 2023 caiu de -1,03% para -1,00%, de -0,80% para -0,75% para 2024 e de -0,45% para -0,40% para 2025. As estimativas para o resultado nominal indicaram estabilidade em -7,85% para 2023, aumento de -7,20% para -7,35% para 2024 e de -6,00% para -6,20% para 2025.

Aversão ao Risco

Os dados indicando maior intensidade das atividade econômica nos EUA e na China e a inflação ainda pressionada na Zona do Euro ratificaram a percepção de que o aperto monetário será maior e mais duradouro, tanto pelo Federal Reserve (Fed) como pelo Banco Central Europeu (BCE). Consequentemente, houve na semana queda nas cotações das *treasuries*, com o retorno das *T-Notes* de 10 anos subindo 0,02 p.p. para 3,97% a.a., enquanto o da de 2 anos avançou 0,08 p.p. para 4,86% a.a..

Entretanto, a interpretação de que o mercado de trabalho ainda aquecido e a resiliência da economia dos EUA aumentaria a probabilidade de que atividade tenha um pouso suave favoreceu a melhora na aversão ao risco, com as principais bolsas internacionais exibindo ganhos, com destaques para as altas de 2,6% na Nasdaq, de 1,9% na S&P e Xangai e de 1,7% no Dow Jones e Nikkei 225.

Os números da economia da China, mostrando uma franca recuperação com o término das restrições do programa Covid 0, trazem uma melhor perspectiva para a evolução da demanda global, impulsionando também o aumento do apetite de risco. Com isso, os preços das *commodities* se recuperaram, com a cotação do barril de petróleo tipo Brent subindo 3,63% para US\$ 85,83, o minério de ferro avançando 0,6% para US\$ 126,64 e o ouro com alta de 3,7% para US\$ 306,00.

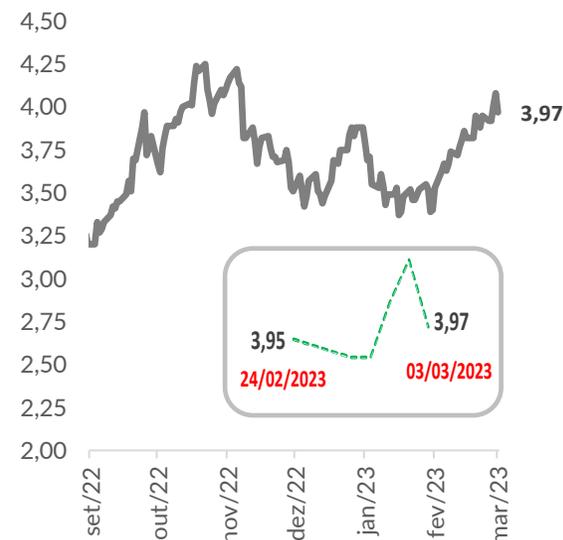
Para o risco local, apesar da redução de -19,0 bps. na semana para 216,9 bps. na cotação dos CDS de 5 anos, o anúncio da reoneração dos combustíveis trouxe volatilidade no mercado acionário, com o Ibovespa recuando -1,8%.

Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts.	Variação		
	03/03/2023	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	103.866	-1,8%	-8,4%	-9,8%
Nasdaq	11.689	2,6%	0,9%	-13,7%
S&P	4.046	1,9%	-0,8%	-7,3%
Dow Jones	33.391	1,7%	-2,0%	-1,2%
Nikkei 225	27.927	1,7%	2,2%	5,1%
Xangai	3.328	1,9%	2,2%	-4,4%

T-Note 10 anos (% a.a.)



Petróleo

Brent última cotação US\$

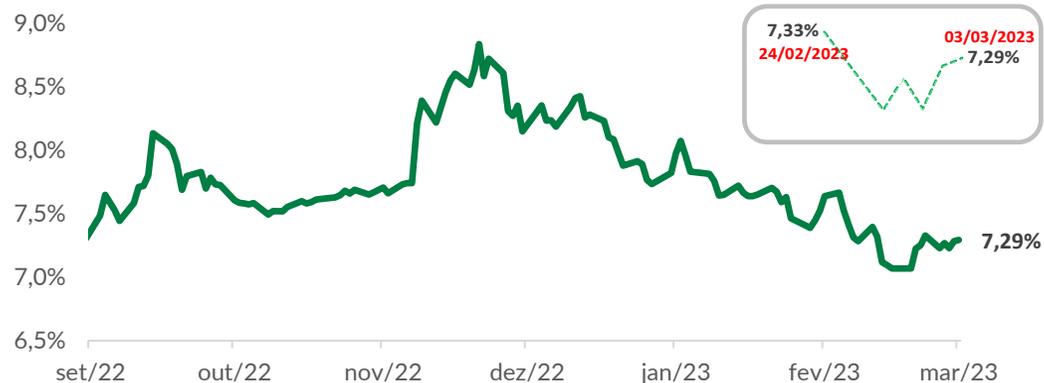


Taxa de Juros

A estrutura a termo da taxa de juros (ETTJ) encerrou a semana com um aumento na sua inclinação. Houve quedas nas taxas de juros nos vértices mais curtos e elevações nos indicadores de médio e longo prazos, refletindo os maiores prêmio com os temores de uma desancoragem das expectativas inflacionárias para esses períodos. Assim, observaram-se retrações de -0,06 p.p. no vértice de 6 meses, de -0,09 p.p. no de 12 meses e de -0,01 p.p. no de 18 meses, enquanto verificaram-se altas de 0,08 p.p. no de 2 anos, de 0,11 p.p. no de 3, de 0,14 p.p. no de 4 e de 0,16 p.p. no de 5 anos.

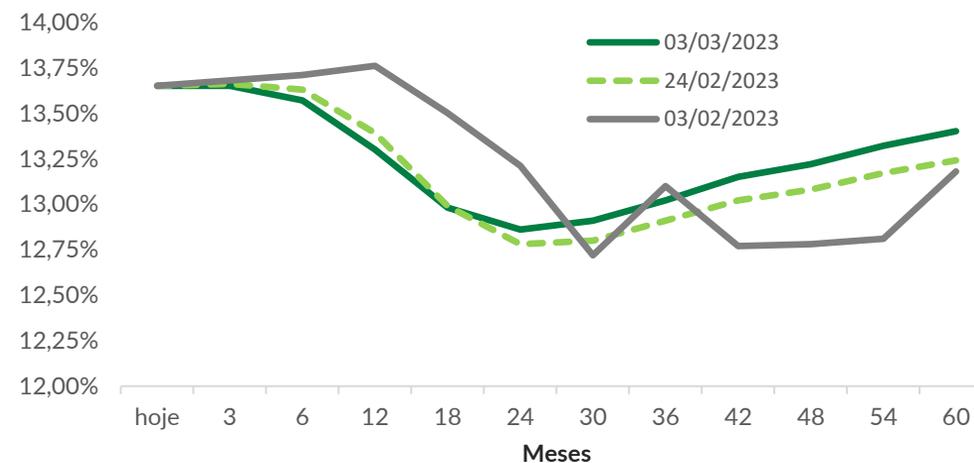
Como a taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias fechou em 13,30% a.a. e a inflação esperada para os próximos 12 meses caiu -0,05 p.p. na semana para 5,60%, a taxa real de juros *ex-ante* finalizou em 7,29% a.a., o que representou uma queda de -0,03 p.p. no período. Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, subiu 0,30 p.p. na semana para 0,48 p.p.. Em linha, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, dos títulos públicos divulgados pela Anbima subiu 0,27 p.p. para 0,67 p.p., sendo o maior patamar desde 25/11/21 (1,12 p.p.).

Taxa Real de Juros *ex-ante* (% a.a.)



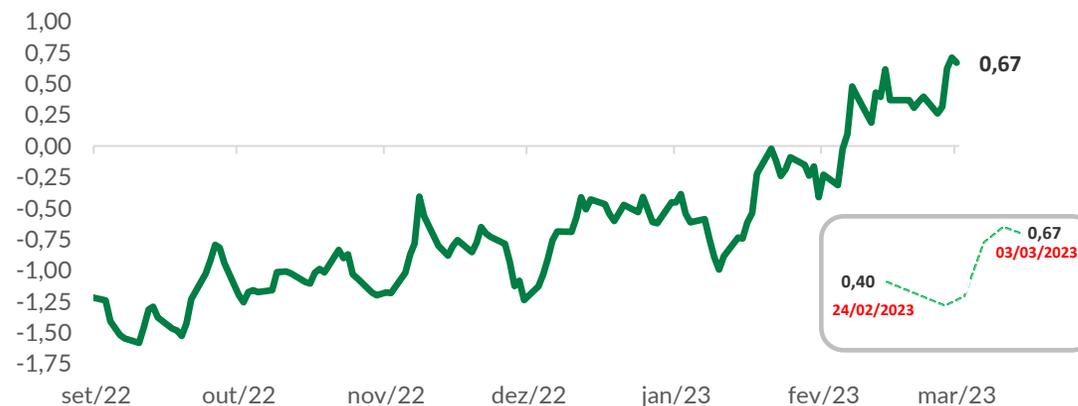
Fonte: B3/Anbima. Elaboração ABBC

Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Câmbio

Mesmo com a maior perspectiva de um Fed mais agressivo no combate à inflação, o que levou ao aumento dos rendimentos das *T-Notes*, o dólar perdeu força na semana. O *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana em relação às dos países desenvolvidos, recuou -0,66%, respondendo às apreciações de 0,82% no euro e de 0,76% na libra esterlina.

Em linha, o índice que calcula a variação das moedas dos países emergentes em relação ao dólar subiu 1,24% no período, com destaques para as apreciações de 2,50% no peso mexicano e de 0,40% na lira turca, além da depreciação de 1,32% no peso argentino.

Com desempenho inferior à média de seus pares emergentes, o real encerrou a semana com ligeira apreciação de 0,05%, com o dólar cotado a R\$ 5,20. Na semana, o Banco Central atuou no mercado cambial com a rolagem dos swaps cambiais com vencimento em 03/04/2023.

Dollar Index



Câmbio



Índice de Emergentes*



Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC *Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Internacional

As sinalizações de manutenção no ciclo de aperto monetário pelo Fed foram reforçadas, na semana, por declarações de seus membros e por dados de inflação. O PMI industrial dos EUA, medido pelo ISM, subiu de 47,4 pts. em jan/23 para 47,7 pts. em fev/23, com o subíndice de preços aumentando de 44,5 para 51,3 em fev/23, em um indicativo de que a resiliência econômica recente pode estar exercendo pressão renovada sobre a inflação. Ademais, as vendas de imóveis pendentes cresceram 8,1% em jan/23 ante dez/22, o 2º aumento consecutivo.

Ainda, refletindo em grande medida o pessimismo entre as famílias de renda média-baixa, o índice de confiança do *Conference Board* nos EUA recuou de 106, pts. em jan/23 para 102,9 pts. em fevereiro. De acordo com a pesquisa, os consumidores expressaram otimismo sobre as condições econômicas atuais, porém uma maior preocupação com os próximos 6 meses. A expectativa dos consumidores acerca da inflação de 12 meses caiu de 6,7% em jan/23 para 6,3% em fev/23.

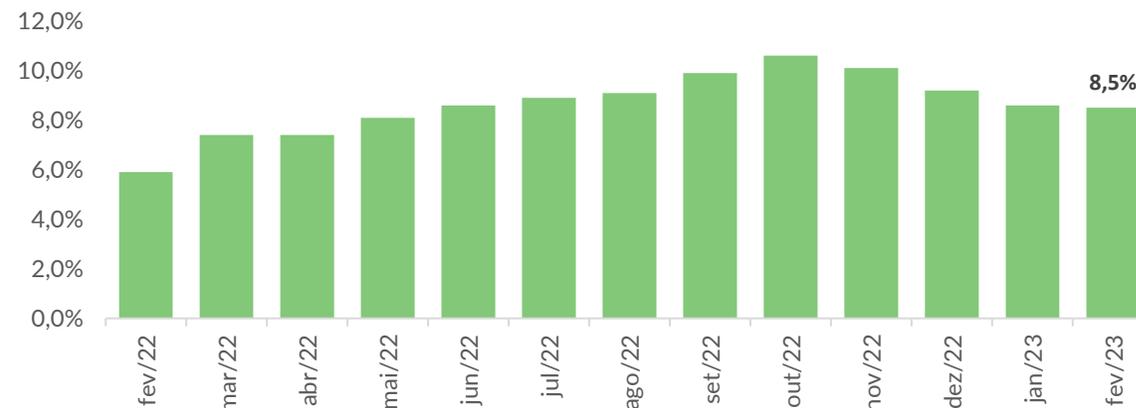
Na China, o índice de gerentes de compras (PMI) industrial avançou de 50,1 pts. em jan/23 para 52,6 pts. em fev/23, no nível mais alto desde abr/12. O resultado superou as projeções do mercado de 50,5 pts., reforçando a percepção de que a economia do país vem se recuperando de maneira mais significativa com o fim da política de Covid 0. Em linha, o índice não manufatureiro, que mede a confiança nos setores de serviços e de construção, subiu de 54,4 pts. em jan/23 para 56,3 pts.

Na Europa, por sua vez, os índices industriais seguiram abaixo de 50 pts., o que sinaliza contração da manufatura. Já a inflação se manteve pressionada ratificando as perspectivas de que o Banco Central Europeu (BCE) continuará a elevar os juros nos próximos meses. Em ata, a autoridade monetária destacou que pode estender o aperto das condições financeiras para além do esperado, caso a inflação não desacelere, além de mostrar preocupações com a possibilidade de desancoragem das expectativas de inflação. A prévia da inflação ao consumidor (CPI) da Zona do Euro subiu 8,5% em fev/23, na base anual, acima do consenso que previa alta de 8,2%. Na

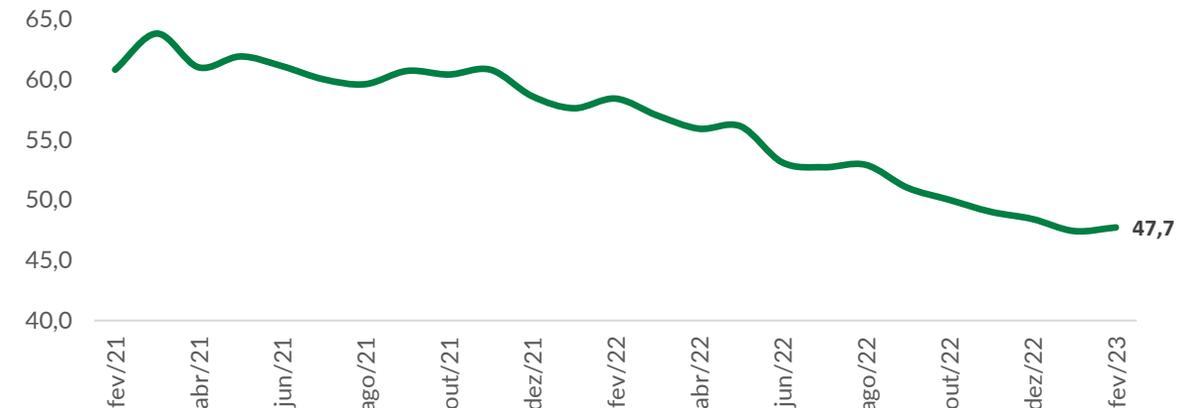
Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Alemanha, a prévia do CPI de fev/23 subiu 8,7% a.a., repetindo a variação de jan/23 e acima do previsto (8,5% a.a.), enquanto na França o CPI aumentou 6,2% a.a. em fev/23, acima dos 6,0% a.a. aferidos em jan/23 e dos esperados (6,0% a.a.).

Zona do Euro – Inflação ao Consumidor (% a.a.)



EUA – PMI Industrial (ISM)



PIB - 4T22

Dentro do esperado, o PIB do 4T22 recuou -0,2% frente ao trimestre anterior na série com ajuste sazonal. Lembrando que se tem uma desaceleração ao longo dos trimestres saindo de 1,3% no 1T22 para 0,9% no 2T22 e 0,3% no 3T22. Pelo lado da oferta, houve queda de -0,3% no setor industrial (0,7% no 3T22) e a desaceleração em serviços de 0,9% no 3T22 para 0,2%. Pelo lado da demanda, o arrefecimento no consumo das famílias de 1,0% no 3T22 para 0,3% e retração de -1,1% nos investimentos (2,6% no 3T22). Na comparação interanual, o avanço foi de 1,9% (3,6% no 3T22) e o crescimento em 2022 foi de 2,9% (5,0% em 2021).

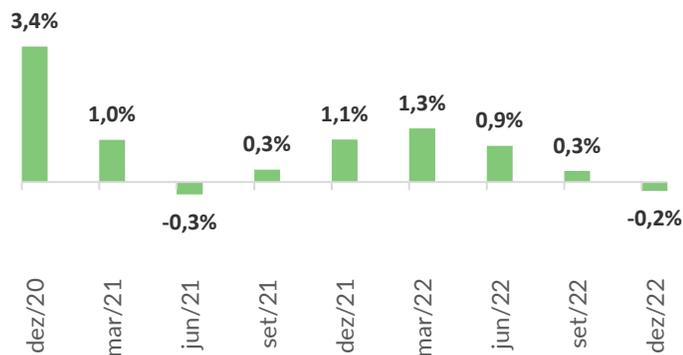
Além da dissipação do efeito positivo da reabertura das atividades com o abrandamento da pandemia, a conjunção dos efeitos defasados da política monetária restritiva, do endividamento elevado e comprometimento da renda das famílias e da desaceleração no mercado de crédito reforçam as perspectivas de que a desaceleração da atividade continuará ao longo de 2023, assinalando que o carregamento estatístico para esse ano será de apenas 0,1%.

Com o peso mais significativo na composição do PIB, o setor de Serviços se destacou com o crescimento de 4,2% em 2022 (5,2% em 2021), beneficiado pela retomada das transações presenciais, pelas medidas de estímulos fiscais, como a liberação do FGTS e o aumento dos valores nos programas de transferência de renda. Contribuiu, também, positivamente a expansão no crédito, a despeito da inflação e juros elevados. A indústria seguiu com dinâmica moderada e avançou 1,6% no período (4,8% em 2021), enquanto a agropecuária, prejudicada principalmente pelas más condições climáticas e o desempenho mais fraco da pecuária, decresceu -1,7% (0,3% em 2021).

Pela ótica da demanda, o consumo das famílias expandiu-se em 4,3% em 2022 (3,7% em 2021), impulsionado pelo fortalecimento do mercado de trabalho e ganhos reais da massa de renda ampliada, ao passo que as despesas do governo cresceram 1,5% no período (3,5% em 2021). No setor externo, as exportações e as importações cresceram, respectivamente, 5,5% (5,9% em 2021) e 0,8% (12,0% em 2021). Por fim, a Formação Bruta de Capital Fixo avançou 0,9% na mesma base comparativa (16,5% em 2021).

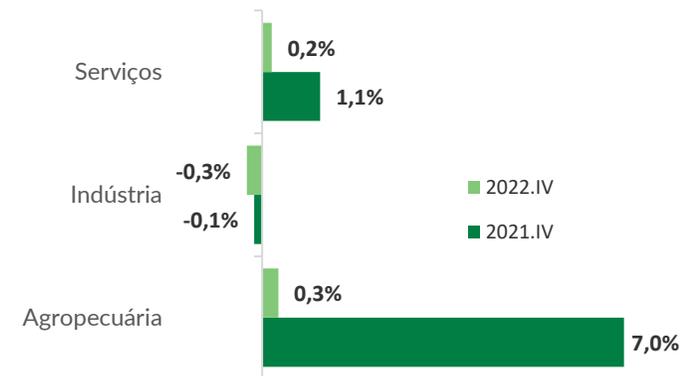
Preços de Mercado

Varição Trimestral – série com ajuste sazonal



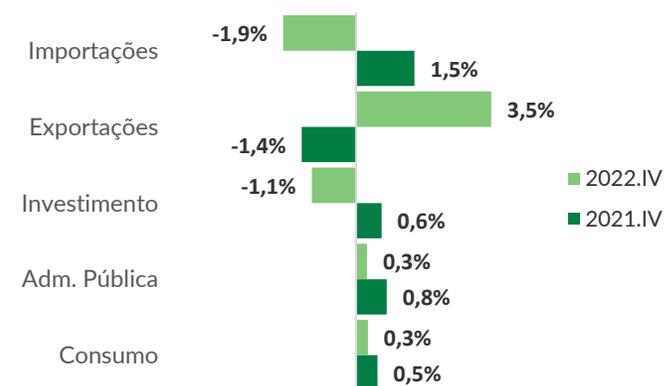
Ótica da Oferta

Varição Trimestral – série com ajuste sazonal



Ótica da Demanda

Varição Trimestral – série com ajuste sazonal



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Balança Comercial – Jan/23

Ao registrar superávit de US\$ 2,8 bilhões em fevereiro e com um aumento de 5,4% ante jan/23, o saldo da balança comercial continuou apresentando bom desempenho. O resultado foi fruto de US\$ 20,6 bilhões em exportações e de US\$ 17,7 bilhões em importações. No acumulado do ano, o saldo apresentou um superávit de US\$ 5,4 bilhões, expandindo-se 19,2% em relação a igual período de 2022, decorrentes de US\$ 43,6 bilhões em exportações (+0,7%) e de US\$ 38,1 bilhões em importações (-1,5%).

Todavia, na análise interanual, o número representa uma queda de -35,3%, causados, principalmente, pelo recuo nos embarques de soja e petróleo. Nessa mesma base, o volume de exportações caíram -12,3%, enquanto os preços cederam -0,8%, gerando uma contração de -7,7% pela média diária contra fev/22. Analisando-se a dinâmica por setor, na base interanual, a retração foi puxada pela indústria extrativa mineral (-38,2%) e pela agropecuária (-5,0%), enquanto a indústria de transformação avançou 5,7%.

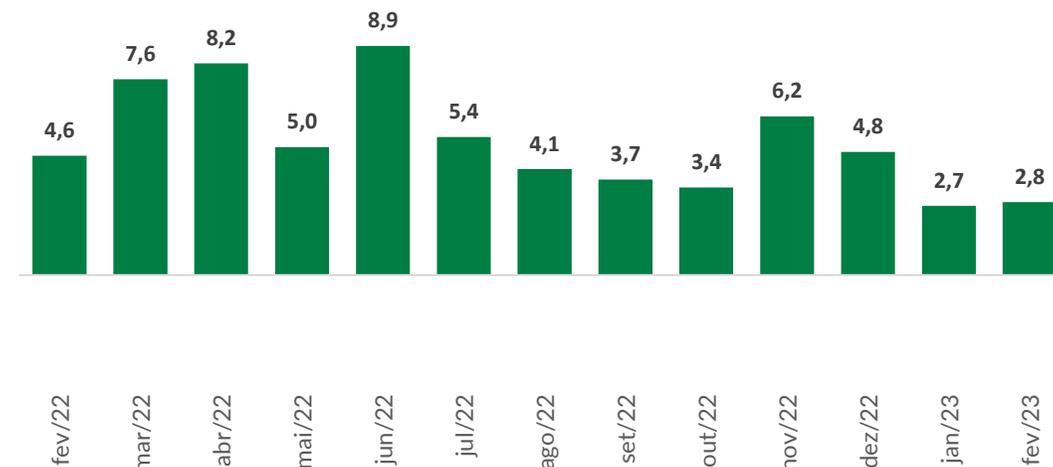
No lado das importações, a variação no volume e nos preços impactaram em menor escala, com queda de -6,3% e alta de 1,2%, respectivamente, levando à queda de -0,9% ante fev/22 pela média diária. Por setor, a indústria extrativa apresentou queda de -29,1%, ao passo que a agropecuária e indústria de transformação cresceram, respectivos, 3,5% e 2,1%.

O saldo comercial acumulado em 12 meses somou US\$ 62,7 bilhões, de modo que a variação anualizada voltou a ficar em território negativo (-2,5% a.a.), após os avanços de 4,8% a.a. em jan/23 (20,8% a.a. em fev/22). Na mesma base, as exportações cresceram 14,4% a.a. ante 18,3% a.a. em jan/23 (39,0% a.a. em fev/22), enquanto as importações avançaram 19,1% a.a. ante 22,0% em jan/23 (45,1% a.a. em fev/22).

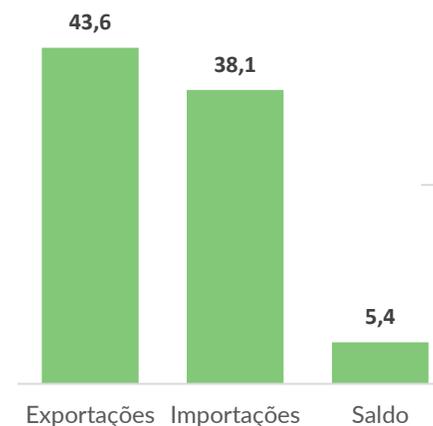
Para os próximos meses, espera-se uma mudança na dinâmica dos preços devendo ficar abaixo dos observados ao longo de 2022, devido às bases mais altas de comparação e a tendência de acomodação de cotações de *commodities* em função da esperada desaceleração da economia global.

Fonte: MDIC. Elaboração ABBC

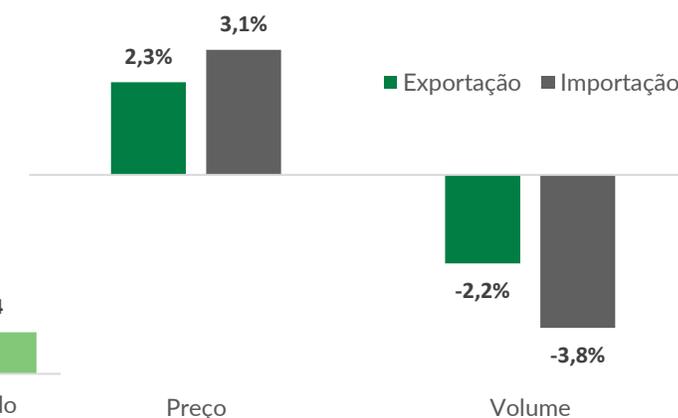
Saldo Mensal (R\$ bilhões)



Acumulado no Ano
Em US\$ bilhões



Acumulado no Ano
Variação interanual



Pnad - Dez/22

A taxa de desemprego encerrou 2022 acumulando reduções de -0,8 p.p. no 4T22 e de -3,2 p.p. no ano, terminando em 7,9% da força de trabalho. A recuperação em 2022 contou com a alta de 3,8% para 99,4 milhões de pessoas ocupadas, com destaques para as elevações de 6,9% do emprego com carteira assinada e de 9,3% dos sem carteira.

Por outro lado, houve reduções de -1,8% no número de trabalhadores por conta própria e de -16,8% no total de trabalhadores domésticos. Com isso, a taxa de informalidade reduziu de 40,1% em 2021 para 39,6%.

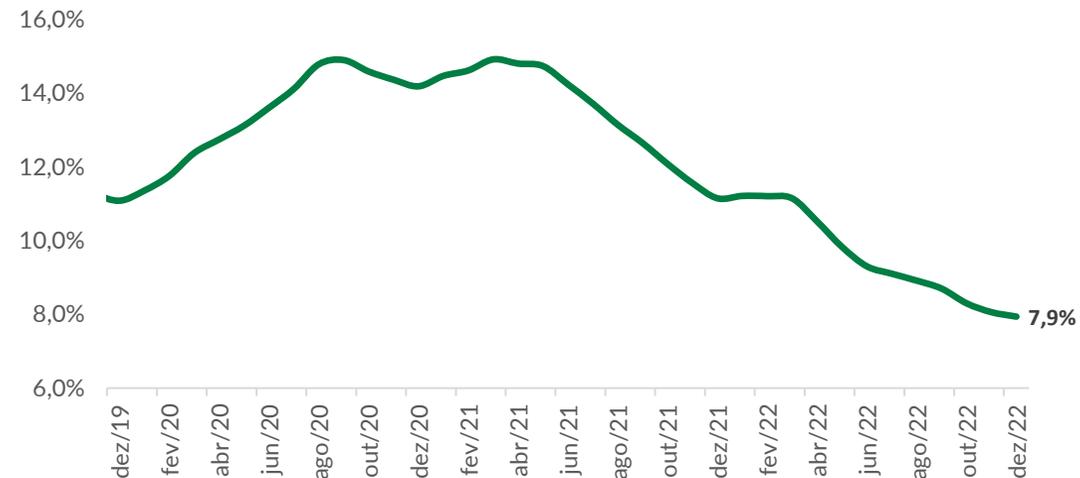
Apesar da melhora na ocupação, a taxa de participação (a proporção das pessoas com idade de trabalhar, quer empregadas, quer em busca ativa de trabalho, em relação ao total pertencente à força de trabalho) registrou uma contração de -0,5 p.p. no ano, fechando 2022 em 62,1%, -1,3 p.p. abaixo do observado em fev/20.

Apesar da melhora, ao se fazer um exercício em que se considera a participação média de 2019 (63,6%), a taxa de desemprego encerraria o ano em 10,1%. A perda de ímpeto nos últimos meses de 2022, juntamente com a baixa participação, sugerem uma evolução menos positiva em 2023, alinhada com as projeções de crescimento da atividade econômica ao redor de 1,0%.

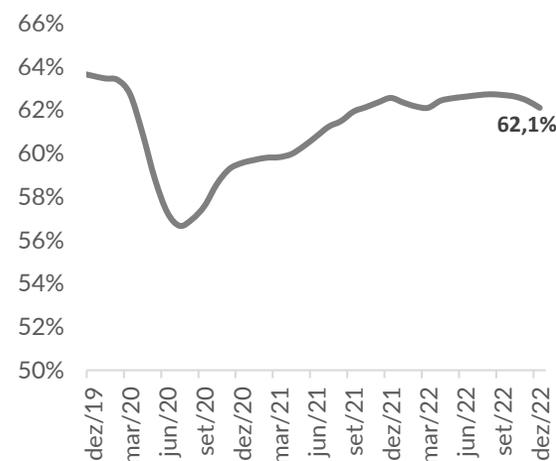
Por fim, principalmente no 2º semestre do ano, o rendimento médio habitual de todos os trabalhos, em termos reais, mostrou recuperação, acumulando altas de 1,8% no 4T22 e de 8,2% a.a., totalizando R\$ 2.808,00. Contudo, o número permaneceu -1,3% abaixo do observado no período anterior à pandemia (R\$ 2.0845,00 em fev/20). Entretanto, a massa salarial, beneficiada também pelo aumento da ocupação, acumulou altas de 2,1% no 4T22 e de 12,8% a.a., alcançando R\$ 274,3 bilhões, patamar 4,1% superior ao de fev/20.

Fonte: IBGE Elaboração ABBC

Taxa de Desemprego Trimestre móvel



Taxa de Participação (Em relação às pessoas em idade para trabalhar)



Rendimento Médio Habitual (Em R\$)



Fiscal - Jan/23

Após o déficit de R\$ -20,1 bilhões em nov/22 e de R\$ -11,8 bilhões em dez/22, o setor público consolidado registrou superávit primário de R\$ 99,0 bilhões em janeiro (R\$ +101,8 bilhões em jan/22). O resultado refletiu o superávit de R\$ 79,4 bilhões do governo federal e de R\$ 21,8 bilhões dos governos regionais, além do déficit de R\$ -2,2 bilhões das empresas estatais.

Ainda, os juros nominais apropriados por competência reduziram-se de R\$ 59,0 bilhões em dez/22 para 52,3 bilhões em janeiro (R\$ 17,7 bilhões em jan/22). Para o Banco Central, contribuiu para a variação interanual, não só a elevação da taxa Selic, mas também o resultado das operações de *swap* cambial (ganho de R\$ 31,9 bilhões em jan/22 e de R\$16,1 bilhões em jan/23). Assim, o resultado nominal do setor público variou de um déficit de R\$ -70,8 bilhões em dez/22 para um superávit de R\$ 46,7 bilhões em janeiro (+R\$ 84,01 bilhões em jan/22).

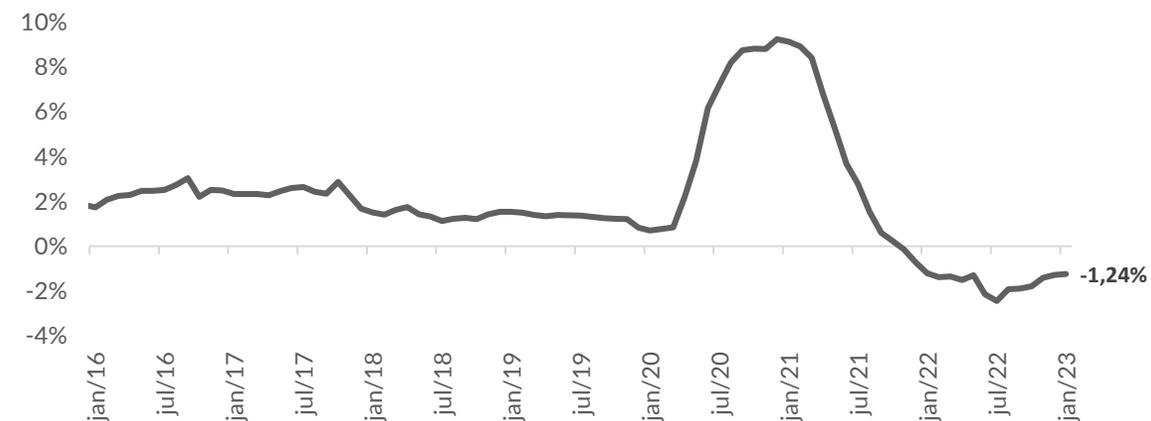
No acumulado em 12 meses, o superávit primário era de R\$ 123,2 bilhões, o equivalente a 1,24% do PIB (1,28% em dez/22 e 1,21% em jan/22). Com a elevação do custo da dívida por conta do aperto monetário, os gastos com juros pagos pelo setor público somaram R\$ 621,0 bilhões em 12 meses, uma alta de 5,9% na margem e de 45,9% a.a.. No que se refere à proporção do PIB, essas despesas aumentaram 0,3 p.p. no mês e 1,5 p.p. em 12 meses, para 6,3%. Assim, o resultado nominal acumulado totalizou R\$ 497,8 bilhões, um crescimento de 0,3 p.p. na margem e de 1,5 p.p. em 12 meses, para 5,0% do PIB.

A Dívida Líquida do Setor Público (DLSP) fechou janeiro em 56,6% do PIB, reduzindo-se 0,9 p.p. no mês, refletindo os impactos do superávit primário (-1,0 p.p.), a variação do PIB nominal (- 0,5 p.p.), a variação da paridade da cesta de moedas que integram a dívida externa líquida (- 0,3 p.p.), a valorização cambial de 2,3% (+ 0,3 p.p.) e dos juros nominais apropriados (+0,5 p.p.).

Por fim, a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) se retraiu em -0,3 p.p. no mês para 73,1% do PIB, decorrentes do efeito da variação do PIB nominal (-0,6 p.p.), dos resgates líquidos de dívida (- 0,3 p.p.), do efeito da valorização cambial (- 0,1 p.p.) e dos juros nominais apropriados (+ 0,7 p.p.).

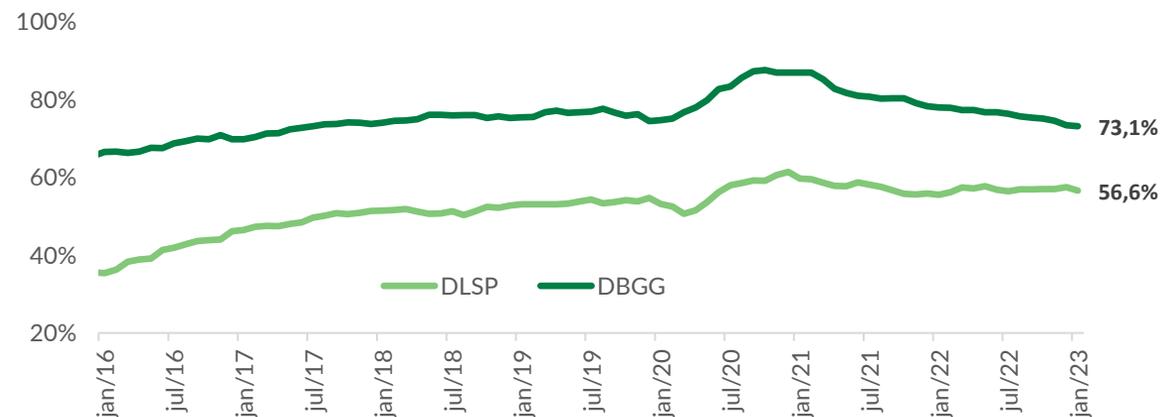
Resultado Primário

Acumulado em 12 meses - em % do PIB



Evolução da Dívida

Acumulada em 12 meses - em % do PIB



Fonte: Banco Central. Elaboração ABBC

Títulos Públicos – Jan/23

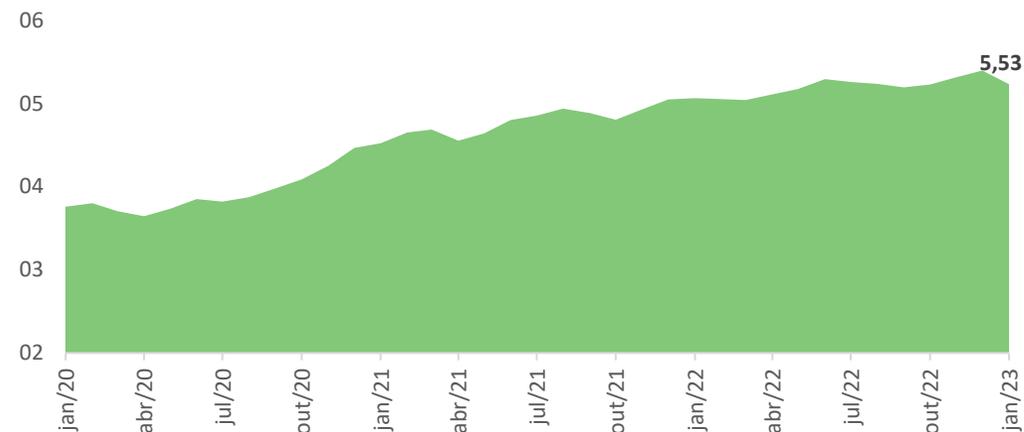
O estoque da Dívida Pública Mobiliária Federal interna (DPMFi), fora do Banco Central, reduziu-se em 3,4% no mês e -2,5% a.a., em termos reais, totalizando R\$ 5.534,8 bilhões em janeiro. O resultado mensal deveu-se, principalmente, ao resgate líquido no valor de R\$ 216,0 bilhões, neutralizado, em parte, pela apropriação positiva de juros no valor de R\$ 51,8 bilhões.

Ainda, o custo médio acumulado em 12 meses da DPMFi ampliou-se de 10,8% a.a. em dez/22 para 11,0% a.a., com o prazo médio aumentando em 3,76 anos em dez/22 para 3,89 anos.

No que tange à composição do estoque da DPMFi, a participação dos títulos prefixados passou de 28,1% em dez/22 para 24,3%, perdendo espaço no comparativo mensal para a maior participação dos títulos referenciados à Selic, que variaram de 30,9% para 33,1% em jan/23. Os títulos prefixados aumentaram sua participação em 1,5 p.p. para 33,1%, ao passo que os títulos cambiais fecharam com 9,5% de participação (9,4% em dez/22).

Analisando-se por detentores, o estoque das instituições financeiras reduziu-se em -1,8% p.p. no mês para 27,3%, mas ainda mantendo a maior participação relativa dos títulos. A seguir figuram os fundos de investimentos com 24,4% (24,0% em dez/22) e os de previdência com 23,6% (22,8% em dez/22). O estoque dos não-residentes aumentou a sua participação relativa, de 9,4% em dez/22 para 9,8%. Cabe destacar que os não-residentes possuem 83,1% de sua carteira em títulos pré-fixados, enquanto a carteira do grupo previdência é composta de 61,7% de títulos vinculados a índices de preços.

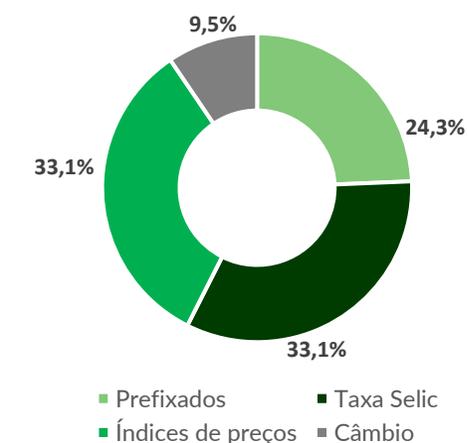
Dívida Mobiliária Federal Interna
Fora do Banco Central – em R\$ trilhões



Evolução Real em 12 meses
DPMFi - Fora do Banco Central



Composição da DPMFi
Por tipo de rentabilidade



Fonte: Banco Central. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E
Atividade, Inflação e Juros									
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	0,8
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	8,4
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	8,6
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	5,9
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	4,1
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	13,75
Setor Externo e Câmbio									
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	57,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-50,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,25
Fiscal									
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,0
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,9
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	62,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	77,0

Atualização do cenário: 06/03/23



Assessoria Econômica

 abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br

 Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj.
156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP

 Tel: (55) 11 3288-1688